

## A RUIVA E A MORENA

John William Smith

Elas se sentaram bem à minha frente em um vô da Southwest. Os que já viajaram por essa companhia sabem como os bancos são incrivelmente próximos —dava até para sentir o perfume delas. Acho que tinham a mesma idade e a mesma compleição física, mas toda e qualquer semelhança acabava aí.

Primeiro, chegou a morena. Estava vestida impecavelmente — roupas bonitas e elegantes. Tudo combinava. O cabelo sedoso, quando movia a cabeça, mostrava as mudanças sutis nas nuances de cor, embora sempre refletisse a luz, de forma intensa, de qualquer ângulo. Cada detalhe estava no lugar certo — as unhas, longas e pintadas; o batom e a maquiagem, impecáveis. Era extremamente bonita. Carregava uma maleta chique de couro macio, que devia ter custado uma fortuna, dentro dela havia um laptop. Tinha também urna refinada sacola de compras, que, em um dos lados, estava escrito em letras garrafais, Macy's.

Tinha um lindo sorriso — um sorriso radiante que iluminava todo o seu rosto. Ela separou os lábios vagarosamente, de forma convidativa, e revelou seus dentes brancos e perfeitos, alinhados imaculadamente. Aquele fora um sorriso deliberado — certamente o praticara em frente ao espelho milhares de vezes. Usava três anéis que não eram do tipo grande e cafona, mas elegantes e, aparentemente, caros. Dois anéis estavam na mão direita, e um na esquerda. Não usava nenhum anel no dedo anular. Colocou a sacola de compras no compartimento acima da cabeça e sentou-se à janela com sua maleta. A ruiva carregava uma enorme sacola para fraldas, um carrinho portátil e dobrável, e um bebê. O cabelo volumoso — não estava desmantelado, mas ressecado. As roupas, com a marca K-Mart escrita por toda parte, modestas, ficavam folgadas em seu pequeno corpo. Não usava maquiagem nem carregava sacolas de compras. As unhas eram tão curtas que não dava nem para pintá-las, e ela usava apenas um anel, em seu dedo anular, o qual não era nada caro. Ela sorriu para a morena e perguntou se podia sentar-se a seu lado. Seu sorriso era encantador. Era esse tipo de sorriso que explode — um sorriso impossível de ser ensaiado. Ele aparecia em sua face tão rapidamente, que era difícil dizer quando e onde começara. E, antes que tivesse terminado, já invadira os olhos, amplificara as covinhas, enrugara o nariz, levantara as sobrancelhas, mostrando até as obturações nos dentes — e todos próximos a ela, sem perceber, quisessem ou não, sorriam de volta. Logo de cara dava para perceber que a morena não queria ser importunada, mas aquele sorriso a convenceu. Ela não poderia resistir a um sorriso tão contagiante. Sorriu de volta, um pouco cerimoniosa, e disse que seria um prazer tê-la a seu lado. Disse isso, porém, com entusiasmo tão cordial que acho que ela se surpreendeu consigo mesma. Ainda não tínhamos visto o bebê, mas logo que a mãe se sentou ela (digo ela, pois o bebê tinha cara de menina) levantou a cabeça de debaixo da manta. Acho que tinha entre nove meses e um ano e era uma cópia fiel da mãe — não podia haver a menor dúvida de quem era a mãe desse bebê — inclusive o sorriso encantador.

A ruiva era prestativa e agitada. Escutei o suficiente da conversa delas para saber que ela visitara a mãe, pois esta ainda não conhecia o bebê, que a visita fora ótima, mas que não via a hora de chegar em casa e ver o marido. A morena era, toda ela, estilo executivo. Não era descortês, mas se expressava em tom preciso e breve. Disse o nome, a companhia para qual trabalhava, a posição e as universidades que cursou – disse à ruiva que o bebê era fofinho – mas, a seguir, abriu a maleta, tirou o laptop, ligou-o e começou a examinar alguns documentos de forma calculada, como se estivesse dizendo à ruiva que a conversa terminara.

A ruiva, porém, não pegou a deixa.

A ruiva era realmente agradável e possuía um tipo inato de entusiasmo e inocência, o que deixava a morena um tanto desconfortável. Conversava com facilidade e naturalidade sobre o marido, a casa e os vizinhos, além de contar para a morena todos os planos que tinha para o quarto do bebê. Ainda amamentava, e, a certa altura, teve de preparar-se para a hora da mamada. A morena observou, em total perplexidade, enquanto a ruiva, com desenvoltura e modestamente, fazia os preparativos para amamentar o bebê. Enquanto o bebê estava mamando, a ruiva precisou de algo e pediu que a morena, se ela não se importasse, pegar o que necessitava na sacola para fraldas. A morena fechou o laptop, guardou-o na maleta, fechou-a com zíper e pegou a sacola de fraldas.

Dez minutos depois, o bebê já acabara de mamar e estava pronto para brincar. A mãe o colocou sobre os ombros, deu palmadinhas nas costas até arrotar. A morena observava. Depois, o bebê sentou-se no colo da ruiva e arrulhava, gorgolejava, pegava tudo o que estava ao seu alcance e tentava colocar na boca. A morena não tirava os olhos da ruiva e do bebê.

A criança, sorrindo para a morena, ficou encantada com os brincos coloridos que balançavam, e procurou agarrá-los. A mãe segurou a mão do bebê e disse: "Não! Não!". A morena assegurou-lhe que não se incomodava: tirou os brincos e os entregou ao bebê, que os colocou imediatamente na boca. A mãe resgatou-os e, ao devolvê-los, mencionou gentilmente que não era aconselhável dar aos bebês coisas que pudessem engolir.

– Você se importaria se eu a carregasse um pouco?

Mal pude acreditar, pois fora a morena quem dissera isso.

(A coisa vai ficar interessante, pensei com meus botões.)

– Meu Deus, é lógico que não! Realmente não me importo, mas você tem certeza de que realmente quer segurá-la?

A morena, de forma tentadora, esticou os braços para a criança, e, tenho quase certeza, de que estava absolutamente certa de que o bebê a rejeitaria. Eu também pensei que isso fosse acontecer.

Esse era um momento importante e crucial, e eu estava tão entretido com tudo o que acontecia, que duvido que alguns dos outros observadores não tenham percebido meu total envolvimento com o desenrolar dos fatos. O bebê, com alguma hesitação, olhou os braços esticados, a seguir olhou a mãe, que sorriu, uma forma de encorajá-la, e depois aquele sorriso explosivo inundou o rosto da criança, que se jogou nos braços da morena. Foi sensacional.

A morena colocou o rosto do bebê grudado ao seu, mas apertou tanto que achei que a criança choraria. No início, a morena estava um

pouco desconfortável, mas logo pegou o jeito e, depois de um curto espaço de tempo, já estava segurando a criança como se fosse uma profissional experiente. Do meu lugar, não dava para ver o rosto da morena, mas eu conseguia imaginar a expressão de alegria e paz estampadas nele. Nos 20 minutos seguintes, essa mulher vestida de forma impecável arrulhava, falava como um bebê, dava palmadinhas, brincou de cocoricó, balançou e divertiu a criança.

Depois de cerca de dez minutos, o bebê vomitou – acho que seria mais acurado dizer regurgitou. A ruiva ficou horrorizada e tentou limpar com uma fralda. Desculpou-se de todas as maneiras possíveis e imaginárias e esticou o braço para pegar o bebê de volta. A morena – algo a seu favor – foi graciosa e assegurou que realmente não se importava, insistindo em continuar com o bebê no colo.

Quando o capitão anunciou que estávamos nos aproximando de nosso destino, a ruiva pegou o bebê de volta, e a morena tirou o estojo de maquiagem e passou o tempo restante retocando a aparência anterior, tipo executivo, como quando entrou no avião.

Quando saímos do avião, a morena se ofereceu para carregar o bebê no desembarque, onde recolheriam a bagagem, e a ruiva disse que ficaria imensamente grata. A ruiva colocou a sacola de compras da Macy's, a sacola para fraldas e a maleta de couro no carrinho dobrável, e elas conversaram da forma mais amigável e pessoal até a esteira de bagagem no desembarque. Eu as segui de perto, pois queria saber como essa história terminaria.

O marido da ruiva estava esperando por ela próximo à esteira de bagagem e, depois de se beijarem e se abraçarem, por um tempo bastante longo, ela apresentou a morena, que, de forma relutante, entregou o bebê para o pai. Enquanto esperavam pela bagagem, a ruiva e o marido ficaram bem próximos, com os braços envolvendo as costas um do outro – e o pai segurava o bebê com o braço livre. Em certo momento, o bebê esticou os braços para a morena. Ela começou a esticar seus braços para segurar a criança, mas controlou-se e, com algum esforço, colocou seus braços deliberadamente ao lado do corpo.

Primeiro chegou a bagagem da ruiva. O marido pegou as malas, e a ruiva virou-se para dizer adeus. A morena e a ruiva abraçaram-se afetuosamente, uma demonstração de emoção genuína e espontânea. A seguir, a morena pegou a sacola da Macy's e a entregou à ruiva, pedindo que a levasse com ela. Não consegui escutar toda a conversa, mas era óbvio que as duas estavam sem jeito, um pouco envergonhadas. A morena venceu, e a sacola da Macy's foi colocada na bagagem da ruiva. A seguir, a morena esticou os braços, colocou os dedos suavemente sobre a bochecha do bebê e sussurrou algumas palavras carinhosas de despedida.

Um pouco antes de sumirem de vista, a morena acenou, com as mãos, um adeus para o bebê, cujo rosto estava voltado para ela, e o bebê fez um sinal que poderia ser interpretado como uma despedida. Quando a morena voltou-se para a esteira, as lágrimas e a maquiagem borrada marcavam seu rosto. Ela não procurou limpá-las. Sua bagagem chegou, ela pegou um carrinho e a colocou nele.

Ela ficou ali por um bom tempo: limpou as lágrimas e a maquiagem borrada com os dedos – o que fez os borrões ficarem ainda mais visíveis –,

compôs-se, segurou o carrinho e caminhou de forma determinada para a saída.

Imagino que a ruiva foi para sua casa, e a morena para seu escritório, mas ambas — tenho quase certeza — sentindo mais ardentemente o valor da maternidade.